

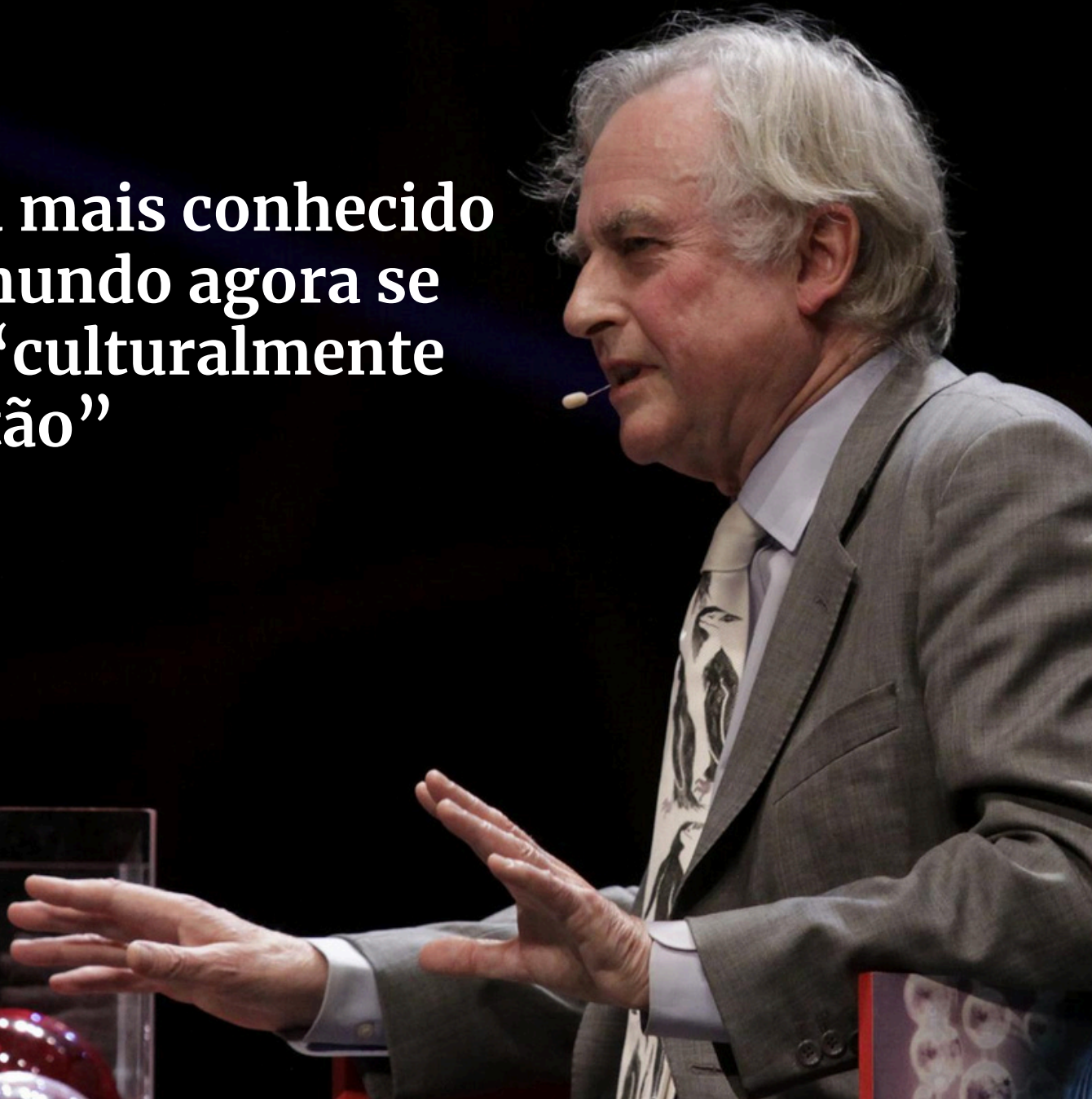
MAIO 2024

81ª EDIÇÃO

GAZETA DO POVO

REVISTA

**Ateu mais conhecido
do mundo agora se
diz “culturalmente
cristão”**



**A mentira do Lula defensor
dos trabalhadores**

**Qual será a “surpresa de
outubro” deste ano?**

Índice

Editorial: A mentira do Lula defensor dos trabalhadores 03

Daniel Lopez: Qual será a “surpresa de outubro” deste ano? 12

J.R. Guzzo: Atacar liberdade de expressão de parlamentar coloca a OAB ao lado do arbítrio 18

Por que o ateu mais conhecido do mundo agora se diz “culturalmente cristão” 24

Lula e Boulos podem ser processados por abuso em ato de 1º de maio 36

Moeda e poupança em alta, inflação em baixa: como Milei está recuperando a Argentina 50

Sugestão: guarde o celular e fale com seu filho 65



USUÁRIO DE ANDROID: PARA NAVEGAR UTILIZANDO OS LINKS DE PÁGINA VOCÊ PRECISA DO APP [ACROBAT READER](#)



O presidente Lula pediu votos para Guilherme Boulos (PSOL) no evento de 1º de maio | Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil.

EDITORIAL

A mentira do Lula defensor dos trabalhadores

Entre as muitas falácias que permeiam os governos lulopetistas, uma das principais é a de que os trabalhadores, ou seja, a parte da população brasileira que depende de um

emprego, ocupariam um lugar de destaque nas políticas públicas, orientando todo o projeto de governo de Lula e sua equipe. Mas um olhar rápido ao comportamento do governo deixa evidente que tal preocupação não existe, ou melhor, nunca existiu. Ao contrário, Lula e sua trupe não têm qualquer pudor em espezinhar os trabalhadores e colocá-los em risco em nome de seu projeto de manutenção de poder.

O desfile dos discursos alusivos ao Dia do Trabalho, comemorado nesta quarta-feira (1º), é uma amostra dessa falta de compromisso. O primeiro deles foi o pronunciamento do ministro do Trabalho, Luiz Marinho, feito em cadeia nacional, na véspera do Dia do Trabalhador. Como era de se esperar, Marinho incensou o governo de Lula, listando uma série de benefícios que o governo supostamente teria

proporcionado aos trabalhadores, entre eles o aumento de vagas de emprego e no rendimento médio dos trabalhadores – efeito muito mais da resiliência do setor produtivo do que de qualquer ação do governo Lula. Marinho ainda citou como conquistas medidas – essas sim de iniciativa do lulopetismo – que, ao contrário do que disse o ministro, podem travar contratações e até levar ao fechamento de vagas.

“ *A verdade é que para Lula e sua claque, os trabalhadores e trabalhadoras não importam. No máximo, são uma massa de eleitores em potencial, procurados de tempos em tempos para pedir votos.* ”

Uma delas é a "lei de igualdade salarial" entre homens e mulheres, proposta pelo governo petista e aprovada pelo Congresso Nacional, cujas implicações ampliam gastos com burocracia, e expõem empresas idôneas a riscos jurídicos e danos à reputação, e podem levar as empresas a pensar duas vezes antes de contratar mulheres. Outra “conquista” citada por Marinho seria a regulamentação dos motoristas de aplicativos, que o governo pretende fazer através de um projeto de lei já encaminhado ao Congresso. Os próprios motoristas reclamam que temem que o projeto engesse ou inviabilize o setor. No restante do pronunciamento, o que se viu foi um amontoado de promessas vazias, e até tentativas de justificar as viagens de Lula ao exterior – só em 2023, foram 15 viagens internacionais que só de gastos com cartões

corporativos da Presidência chegaram a R\$ 9,6 milhões.

Já o evento principal alusivo ao Dia do Trabalho, o Ato Unificado pelo Dia do Trabalhador e da Trabalhadora, organizado pelas centrais sindicais na Neo Química Arena, o estádio do Corinthians, além de totalmente esvaziado – o próprio Lula reclamou do pouco público –, foi claramente um ato eleitoral, onde Lula pediu abertamente votos ao seu candidato à prefeitura de São Paulo, Guilherme Boulos, o que, aliás, configura infração eleitoral. No mais, foi feito o anúncio de aumento da faixa de isenção do IR a partir de 2025 para quem recebe até R\$ 2.824, notícia velha, levando-se em conta que a medida foi aprovada pelo Congresso há duas semanas, muitos afagos aos ministros e a si próprio e ataques ao setor produtivo, o que já se

tornou praxe quando Lula vai para o meio dos sindicatos.

Nem uma palavra sobre as graves greves no setor público que afetam todo o país e mostram o grau de insatisfação de um núcleo que historicamente sempre apoiou Lula, como o dos professores das instituições federais de ensino – hoje são pelo menos 39 paradas. Lula conseguiu a façanha de encerrar o primeiro ano de seu terceiro mandato com mais greves do que seu antecessor, o ex-presidente Jair Bolsonaro. Dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) mostraram um aumento de 12% nas greves realizadas por servidores públicos no comparativo de 2023 e 2019 — foram 629 paralisações e greves no primeiro ano do terceiro mandato de Lula,

contra 566 no primeiro ano de Bolsonaro. Para um presidente que se diz tão próximo dos trabalhadores, são números alarmantes.

Mas o pior é a insistência de Lula em criminalizar o setor produtivo. Falando sobre a tentativa do governo em atropelar o Congresso em relação à desoneração fiscal dos setores que mais geram empregos no país, apelando para o Supremo Tribunal Federal, o presidente petista fez questão de dizer que “não haverá desoneração para favorecer os mais ricos, e sim para favorecer aqueles que trabalham e que vivem de salário”. Ora, a desoneração fiscal de alguns setores da economia tem justamente o propósito de dar melhores condições para que as empresas de setores conhecidos por gerarem o maior número de vagas de emprego, possam continuar a empregar cada vez mais, gerando

emprego e renda para os trabalhadores. Agora, com o golpe de Lula contra o Congresso, e a suspensão da lei que garantia a desoneração, o presidente petista faz uma mudança abrupta que afeta uma política pública amplamente debatida e esperada pelo setor produtivo, gerando um clima de incerteza e falta de segurança jurídica. A partir deste mês de maio, as empresas já terão de pagar mais tributação sobre a folha de pagamento. Como todo o planejamento fiscal das empresas já foi feito, para poderem honrar seus compromissos, muitas vão, sim, ter de apelar para demissões para conseguirem manter as finanças em ordem.

Mas na lógica rancorosa de Lula e sua claqué sindical, não pode haver qualquer medida que diminua a carga tributária do setor produtivo.

Não à toa, as contas do governo federal fecharam 2023 com resultado negativo de R\$ 230,5 bilhões, o equivalente a 2,12% do Produto Interno Bruto (PIB), o segundo maior rombo fiscal já registrado no país – só perdeu para 2020, ano em que as despesas públicas dispararam com o combate à pandemia de Covid-19 e o déficit chegou a R\$ 939 bilhões. Gastança sem freio exige mordidas de impostos cada vez maiores, mesmo que levem à sobrecarga do setor produtivo e ocasionem uma onda de demissões em massa, mas essa nunca foi uma preocupação de Lula.



[Voltar ao índice](#)



A Casa Branca, sede da presidência americana. | Foto: Matt H. Wade/Wikimedia Commons

OPINIÃO

Daniel Lopez

Qual será a “surpresa de outubro” deste ano?

Sabemos muito bem qual foi a “surpresa de outubro” nas disputas pela Casa Branca em

2020. A surpresa contra Trump acabou sendo a crise sanitária (que chegou com força em abril, e não em outubro).

No caso de Biden, a surpresa contra ele praticamente não conseguiu chegar. Isso porque as estranhas informações sobre o computador do filho do presidente acabaram sendo majoritariamente “limitadas” pela mídia e pelas redes sociais. A não ser o *New York Post*, que publicou a informação, fazendo com que a conta de Hunter Biden na Twitter levasse uma suspensão de duas semanas. Depois, ex-executivos da rede social admitiram que erraram na atitude.

Neste ano, qual será a grande surpresa? Hoje, com Trump enfrentando 91 acusações em

quatro processos criminais, parece difícil surgir uma nova informação comprometedora. Mas creio que ainda há coisas para acontecer. Neste ponto, vou fazer um enorme exercício especulativo, imaginando o que poderia ocorrer.



Muitas vezes, o desfecho acaba sendo renúncia, impeachment, derrota ou, em desespero, inicia-se uma guerra para tentar aumentar a popularidade

Creio que não podemos descartar uma tentativa de assassinato contra Trump, caso ele consiga se livrar das acusações e chegar à reta final da disputa, que acontecerá no dia 5 de novembro (se os EUA não enfrentarem uma guerra civil ou

uma guerra mundial neste período). Se a tentativa falhar, isso o fortalecerá.

Outra hipótese é que, devido às milhões de pessoas que entraram indiscriminadamente nos EUA nos últimos anos, algum evento “cisne negro”, semelhante ao 11 de setembro, aconteça. No final do ano passado, a então correspondente da CBS, Catherine Herridge (esposa de um tenente-coronel da Força Aérea dos EUA), sugeriu no programa *Face The Nation* que "2024 pode ser o ano de um evento do cisne negro. Este é um evento de segurança nacional com alto impacto e muito difícil de prever". Um evento como esse daria a Biden poderes excepcionais, e poderia fortalecê-lo no final da corrida.

Muitos falam sobre a possibilidade de uma nova crise sanitária. Hoje os EUA vivem a preocupação da gripe aviária, que pela primeira vez foi encontrada no leite de vaca, e fez sua primeira vítima humana neste ano. Outros comentam sobre a “Doença X”, que tem sido especulada sobre a nova enfermidade ainda anônima que poderia desencadear uma nova pandemia.

Não estão descartados conflitos diretos dos EUA contra a Rússia, o Irã, e talvez até contra a China. Sempre que um presidente tenta uma segunda gestão na Casa Branca e encontra-se com popularidade abaixo de 40% (como é o caso de Biden hoje) ele tem perdido a disputa. Algo semelhante ao que vimos, no contexto argentino, na Guerra das Malvinas.

Sabemos que o ano de disputa pela Casa Branca é sempre época de grandes volatilidades. O que resta é saber o quão impactante ela será desta vez.



Autor: Daniel Lopez é jornalista, formado pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É doutor em Linguística (UFF), mestre em Linguística (UERJ), bacharel em Teologia (UMESP) e licenciado em Letras. Tem especialização em Teoria da Arte, Crítica de Arte, Filosofia, Sociologia e Antropologia. Foi professor nas áreas de Filosofia da Educação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e de Linguística, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É pastor na Igreja Bola de Neve Sede, na cidade de São Paulo, desde 2014. É escritor, tradutor e professor universitário. Mantém o canal no YouTube "Daniel Lopez" e o site www.daniellopez.com.br.



Voltar ao índice



OAB apresentará uma interpelação judicial contra o deputado federal Marcel van Hattem. | Foto: Bruno Spada/Câmara dos Deputados.

OPINIÃO

J.R. Guzzo

Atacar liberdade de expressão coloca a OAB ao lado do arbítrio

A Ordem dos Advogados do Brasil tornou-se uma desordem. É mais uma, entre tantas outras

organizações que até pouco tempo eram consideradas sérias – e hoje fazem parte da frente nacional que se dedica ao linchamento do sistema legal, das liberdades públicas e dos direitos individuais, incluindo aí o direito de defesa. O que está chamando a atenção, no caso, é o esforço dos comissários que dirigem a OAB para ficarem na linha de frente da anarquia generalizada.

Seu comportamento é um escândalo, mas eles não se conformam que alguém, por meios inteiramente legais, exponha em público a sua conduta escandalosa. Resultado: estão levando à Justiça, logo eles, uma ação contra o deputado federal Marcel van Hatem, que denunciou as responsabilidades da OAB no desmanche do ordenamento jurídico ora em execução no país.

Milhares de advogados, ou muito mais, assinariam embaixo.

É uma aberração. A OAB deveria ser a última entidade da sociedade civil a atacar oficialmente a liberdade de expressão de um parlamentar brasileiro no pleno exercício do seu mandato. É um “desvio de função”, como está na moda dizer hoje: a OAB, pura e simplesmente, não pode fazer isso, pois a sua obrigação legal é fazer o contrário. “Os deputados e senadores são invioláveis, civis e penalmente, por quaisquer de suas opiniões, palavras e votos”, diz o artigo 53 da Constituição Federal. Ou seja: a OAB deveria correr à Justiça para impedir que o deputado van Hatem porventura fosse perseguido por fazer um discurso, da tribuna ou fora dela.

A OAB, como a polícia e o tribunal de inquisição que resulta dos inquéritos perpétuos do STF, recusa-se a entender o significado em português da palavra “quaisquer”. Não se trata de nenhuma questão avançada de gramática: isso quer dizer “todos”, muito simplesmente. É o que a Constituição estabelece que se faça. Todas as palavras ditas por um parlamentar brasileiro estão sob proteção legal expressa, e não podem ser objeto de punição. Imagine-se, então, o ponto de degradação a que se chegou no Brasil, em termos de integridade do arcabouço jurídico, quando é a Ordem dos Advogados, justamente, quem exige a anulação de uma evidente garantia determinada pelas leis.

A OAB, notoriamente, não representa os 1,4 milhões de advogados hoje existentes no Brasil.

As eleições para a sua presidência, desde sempre, são falsificadas por regras que deixariam constrangido o companheiro Maduro na Venezuela – dizer que a sua direção é escolhida pelos advogados é o mesmo que dizer que os dirigentes da CUT são escolhidos pelos trabalhadores brasileiros. Sua função essencial é arrecadar contribuições compulsórias. Tornou-se uma das mais ativas cúmplices da ditadura judicial atualmente em vigor no país. Ignora, de maneira grotesca.

Tempos atrás andou resmungando alguma coisa contra exageros especialmente agressivos na guerra do STF contra o direito constitucional de defesa. Seus lamentos foram ignorados. A junta judiciária de governo continua mantendo na prisão acusados que jamais sofreram uma denúncia formal, negando acesso aos autos e

mantendo inquéritos policiais fora dos prazos fixados em lei. Daí, quando é chamada de conivente, a OAB se enche de coragem e corre para se juntar ao pelotão de fuzilamento.



Autor: J.R.Guzzo é jornalista. Começou sua carreira como repórter em 1961, na Última Hora de São Paulo, passou cinco anos depois para o Jornal da Tarde e foi um dos integrantes da equipe fundadora da revista Veja, em 1968. Foi correspondente em Paris e Nova York, cobriu a guerra do Vietnã e esteve na visita pioneira do presidente Richard Nixon à China, em 1972. Foi diretor de redação de Veja durante quinze anos, a partir de 1976, período em que a circulação da revista passou de 175.000 exemplares semanais para mais de 900.000. Nos últimos anos trabalhou como colunista em Veja e Exame. **Os textos do colunista não expressam, necessariamente, a opinião da Gazeta do Povo.



[Voltar ao índice](#)



Richard Dawkins durante palestra em São Paulo, em 2015. | Foto: Greg Salibian/Fronteiras do Pensamento

Richard Dawkins

Ateu mais conhecido do mundo se diz “culturalmente cristão”

Por Gabriel de Arruda Castro

A notícia da morte do autor Daniel Dennett, em 19 de abril, teve pouca repercussão. Mas, menos

de duas décadas atrás, ele era uma das figuras mais controversas do debate público nos Estados Unidos e no Reino Unido.

Em 2006, Dennett lançou o livro que seria traduzido para o português como “Quebrando O Encanto — A Religião Como Fenômeno Natural”. Ao lado de Richard Dawkins, Sam Harris e Christopher Hitchens, ele ficaria conhecido como dos “quatro cavaleiros do ateísmo”. O grupo ganhou espaço nos meios de comunicação em um mundo que, depois do 11 de setembro, acordava para os efeitos potencialmente nocivos do fanatismo religioso. O argumento do quarteto era radical: quanto antes o mundo se livrasse das religiões (todas elas), melhor.

Os tempos agora são outros.

Por coincidência, dias antes da morte de Dennett, o membro mais conhecido do grupo havia dado uma declaração que indicava uma mudança de postura.

Em uma entrevista à rádio britânica LBC no começo de abril, o zoólogo Richard Dawkins afirmou que se sente "culturalmente cristão". "Acredito que, culturalmente, somos um país cristão, e eu me considero culturalmente cristão. Eu amo hinos e as canções de Natal. Sinto-me em casa no etos cristão", ele disse.

É uma mudança significativa na postura de Dawkins, que, no passado, igualou todas as religiões como um "delírio".

Mas ele não foi o único a seguir esse caminho.

Islamismo e ideologia radical cresceram no vácuo do Cristianismo

Cada uma a seu modo, outras figuras públicas parecem ter passado a prestar mais atenção às consequências do esvaziamento da religião tradicional no Ocidente. Conforme a influência do Cristianismo deixa de ser dominante, ela cede espaço ao radicalismo progressista ou ao islamismo, que tendem a ser muito menos tolerante com as liberdades individuais tão caras aos ateus.

No ano passado, a aclamada escritora Ayaan Hirsi Ali anunciou que havia se convertido ao Cristianismo. Assim como Dawkins, ela chegou à conclusão de que nem todas as religiões são iguais. Criada em uma família muçulmana, ela havia perdido a fé décadas antes. "Todo o tipo de liberdade aparentemente secular — de

mercado, de consciência e de imprensa — tem suas raízes no Cristianismo", ela escreveu, ao explicar a jornada que a levou à fé cristã.

Dawkins, por exemplo, arranhou uma briga com movimentos de esquerda ao dizer, como biólogo geneticista, que as diferenças entre os sexos são objetivas e imutáveis. Além disso, sua afirmação sobre o “Cristianismo cultural” foi uma reação à divulgação de versos islâmicos no painel da estação de trem King's Cross, em Londres, durante o Ramadã.

O geneticista concluiu que, das alternativas disponíveis, o Cristianismo parece ser a que mais respeita o bom senso e os direitos individuais. Em graus diversos, outros ateus fizeram uma trajetória similar. A lista inclui o escritor britânico Tom Holland, que se tornou católico, o autor canadense Jordan Peterson,

que caminha entre a crença e a descrença, e o apresentador de TV americano Bill Maher, que continua tão ateu quanto antes mas passou a criticar os excessos de grupos progressistas.

Fenômeno é tema de novo livro

O autor britânico Justin Brierley passou os últimos anos entrevistando ex-ateus que passaram a crer. Formado em Filosofia na Universidade de Oxford, ele lançou recentemente um livro e uma série de podcasts sobre o tema.

Brierley conversou com a **Gazeta do Povo**.

Segundo ele, a trajetória de Dawkins é semelhante à de outros descrentes. “Estou vendo isso com cada vez mais frequência entre ateus, mesmo alguns que eram muito

anticristãos (como Dawkins) no passado. Acho que eles estão cada vez mais percebendo que os valores em que acreditam são produto de sua herança judaico-cristã", afirma ele.

Na opinião de Brierley, as consequências do esvaziamento religioso de países como a Inglaterra se tornaram mais evidentes nos últimos anos, o que fez muitos ateus repensarem as consequências de uma visão radical contra a religião. "Conforme outros sistemas de valores começam a ameaçar essa herança, (por exemplo, a ideologia woke ou regimes autoritários de esquerda), eles começaram a perceber que o Cristianismo tem sido bom para nossa cultura", diz Brierley.

Ele também notou um aumento no número conversões religiosas (e não apenas culturais) de ateus ao Cristianismo. Ele diz que o motivo

mais frequente é o contato com cristãos que o ajudaram a desfazer preconceitos sobre a igreja.

"Eles têm contato com cristãos atenciosos e gentis que ajudam a superar seus preconceitos sobre o Cristianismo e a igreja. Isso rompe a barreira e permite que eles comecem a levar o Cristianismo a sério", diz ele. Na sequência, diz, os motivos mais comuns para a conversão do ateísmo ao Cristianismo são uma experiência emocional que os levou à fé em Deus, ou argumentos intelectuais como os indícios que apontam para o design do universo.

Este último, por exemplo, foi o que levou o célebre filósofo Antony Flew do ateísmo à crença em Deus (embora Flew nunca tenha se tornado um cristão). Autor do influente "A Presunção do Ateísmo", de 1976, ele atribuiu ao avanço da cosmologia e da biologia a sua

guinada existencial. A notícia veio a público em 2004. Três anos depois, Flew publicou um livro que, em português, ganhou o título de "Deus Existe — As Provas Incontestáveis De Um Filósofo Que Não Acreditava Em Nada".

Comunidade é elemento importante na conversão

Um artigo científico publicado em 2019 pelo Journal of Religion & Society também investigou o que leva ateus a se converterem ao Cristianismo.

O estudo analisou 111 relatos de conversão publicados em fóruns na internet em busca de elementos comuns. A maioria dos ex-ateus (53%) mencionou ter percebido a importância da participação em atividades tipicamente religiosas, como ir à igreja e orar. Metade

também citou descobertas intelectuais na ciência ou na filosofia. Além disso, 45% relataram uma experiência sobrenatural (as respostas não eram excludentes, e por isso a soma ultrapassa os 100%).

A Gazeta do Povo falou com um dos autores do estudo. Matthew Facciani — que é doutor em Sociologia e pesquisador no MIT, diz que esse tipo de guinada geralmente envolve mais de um motivo, e frequentemente tem início com um laço social.

"Muitos dos aspectos que encontramos em ateus que se converteram ao Cristianismo eram comuns em outros estudos sobre conversão religiosa. Por exemplo: muitos indivíduos que eram ateus mencionaram um laço social importante que os levou ao Cristianismo. A necessidade de pertencer e encontrar

comunidade é poderosa e muitas vezes norteia o que acreditamos", afirma Facciani.

Nova onda religiosa a caminho?

Há poucas dúvidas de que, de forma geral, os países ocidentais passam por um período de queda na religiosidade. Por outro lado, se é verdade que a religião tradicional continua em declínio, o número de ateus não cresceu na mesma proporção. E há até mesmo sinais de que o Cristianismo tem voltado a crescer em lugares improváveis.

Na Finlândia, um país com grande número de ateus, o número de jovens religiosos parece estar aumentando. Uma pesquisa da Igreja Evangélica Luterana da Finlândia mostrou um aumento da religiosidade entre jovens do sexo masculino. Entre 2011 e 2019, o número de

jovens de 15 a 19 anos que diz crer em Deus passou de 19% para 43%. A parcela dos que vão à igreja todo mês passou de 5% para 12%.

Justin Brierley diz que a igreja que ele frequenta na Inglaterra também tem crescido. "Várias pesquisas também parecem mostrar altos níveis de abertura à fé entre os jovens. Vejo os sinais de que a 'maré da fé' está começando a mudar, à medida que muitos intelectuais seculares exortam seu público a levar o Cristianismo a sério novamente", diz.



[Voltar ao índice](#)



Presidente Lula participa do Ato das Centrais Sindicais do Dia do Trabalhador, em São Paulo. | Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil

Inelegibilidade?

Lula e Boulos podem ser processados após ato do dia 1º

Por Roberta Ribeiro

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o pré-candidato à prefeitura de São Paulo, Guilherme Boulos (PSOL) podem ser

processados por crimes eleitorais cometidos em um ato em comemoração ao Dia do Trabalho em São Paulo na quarta-feira (1). Segundo juristas ouvidos pela reportagem, eles podem ser acusados dos crimes de abuso de poder político e econômico, propaganda eleitoral antecipada e, apenas no caso de Lula, prática de conduta vedada a agente público.

Eles estão sujeitos a processos que podem, em teoria, pedir a cassação da chapa de Boulos para a prefeitura e a inelegibilidade por oito anos tanto de Lula como de Boulos. Mas o cenário mais provável é que Lula, Boulos ou ambos recebam apenas multas por desrespeito à Lei Eleitoral, que só permite pedidos explícitos de votos a partir de 16 de agosto.

Segundo o advogado e autor do livro “Instituições de direito eleitoral”, Adriano Soares da Costa, o ato do Dia do Trabalho no estacionamento do estádio do Itaquerao foi caracterizado como um evento cultural por trazer uma série de apresentações de música e cultura. No entanto, o presidente Lula deu conotação oficial ao evento ao sancionar a isenção de imposto de renda para quem ganha até R\$ 2.824 durante o ato de 1º de maio. Adriano Soares explica que, ao fazer o anúncio do benefício aos trabalhadores, Lula fez um ato de governo.

Além disso, há registros oficiais de que o ato foi financiado ao menos em parte por meio de renúncia fiscal pela Lei Rouanet e contou com o apoio da Petrobras. Ao beneficiar a pré-candidatura de Boulos à prefeitura de São

Paulo, Lula e Boulos estão sujeitos a serem condenados por abuso de poder econômico e abuso de poder político e ainda uso indevido dos meios de comunicação social. Esses crimes podem levar à inelegibilidade de ambos ou à cassação da chapa de Boulos. Tais ilícitos estão previstos no artigo 22 da Lei Complementar 64/1990, a Lei da Inelegibilidade.

O ato foi transmitido pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e pelos canais oficiais do governo federal nas redes sociais. As publicações com a transmissão do evento foram apagadas posteriormente.

Mas os processos só podem ser iniciados pelo Ministério Público, por partido político ou por candidato concorrente depois de 15 de agosto,

data limite para o registro oficial das candidaturas.

Crimes de propaganda eleitoral antecipada e conduta vedada podem gerar multas

O episódio do pedido de votos para Boulos no ato do Dia do Trabalho pode caracterizar ainda outros dois tipos de ilícitos: propaganda eleitoral antecipada e prática de conduta vedada a agente público.

Caso seja entendido pela Justiça Eleitoral que Boulos teve participação no pedido de votos, tanto ele como Lula podem responder por propaganda eleitoral antecipada.

De acordo com Richard Campanari, advogado especialista em Direito Eleitoral, embora a

legislação autorize referências à possível candidatura e a elogios às qualidades pessoais dos pré-candidatos, solicitações explícitas de voto são proibidas fora do período eleitoral estipulado, que só começa em agosto.

O ministro da Secretaria de Comunicação da Presidência (Secom), Paulo Pimenta, negou que a fala de Lula esteja em desacordo com a lei eleitoral. "O que ocorreu foi uma manifestação de apoio político, de menção ao cargo a ser disputado e da plataforma de governo a ser defendida", disse ao jornal *Estado de S.Paulo*.

Durante sua fala no evento do 1º de maio, Lula abertamente solicitou votos para o pré-candidato psolista: "E eu vou fazer um apelo. Cada pessoa que votou no Lula em 89, em

94, em 98, em 2006, em 2010, em 2022 tem que votar no Boulos para prefeito de São Paulo”.

Lula ainda pode ser processado por prática de conduta vedada a agente público, prevista no artigo 73 da Lei Eleitoral (9.504 de 1997). Na prática, essa lei considera um ilícito o uso da máquina pública por um agente do Estado para beneficiar um candidato específico no processo eleitoral.

Mas esses dois crimes têm punições mais baixas: podem resultar no pagamento de multas que variam de R\$ 5.000 a R\$ 25.000 - mas podem ser elevadas de acordo com os gastos públicos envolvidos no ato que configurou a propaganda.

Multas para Lula e Boulos são cenário mais provável

Richard Campanari avalia que uma ação de investigação judicial eleitoral que resulte na inelegibilidade de Lula e na cassação da candidatura de Boulos parece ser bastante improvável. Ele argumenta que, para gerar um impacto tão significativo, seria necessário provar um contexto mais amplo de abuso de poder econômico ou de uso indevido dos meios de comunicação, além de um envolvimento prévio e consentido de Boulos.

Outro ponto colocado por Campanari é que a imposição dessas penalidades depende da interpretação dos tribunais e da comprovação das infrações no contexto específico dos fatos investigados. “A jurisprudência do Tribunal

Superior Eleitoral (TSE) varia conforme cada caso, levando em conta as peculiaridades envolvidas, mas nesse episódio, visto de forma isolada, devemos ficar apenas na multa”, afirma ele.

Já o especialista em Direito Eleitoral e Administrativo, Mestre e Doutor em Direito das Relações Sociais pela PUC-SP, Alexandre Rollo, afirma que é preciso provar oficialmente que o evento foi, de alguma forma, patrocinado pelo poder público. “Ao transformar um evento oficial de Primeiro de Maio em um comício eleitoral, Lula pode ter praticado ato de improbidade administrativa, desde que tenha sido usado dinheiro público na organização desse evento”.

A aplicação de multas por desrespeito aos prazos para o início da campanha eleitoral é um resultado bastante provável tanto para Lula quanto para Boulos, segundo o especialista em Direito Constitucional Fábio Tavares. Mas seria necessário que eles voltassem a pedir votos antes do início oficial da campanha para que ambos efetivamente respondessem por abuso do poder político. Somente dessa forma a acusação poderia levar à cassação do registro de candidatura ou do diploma e à inelegibilidade, na opinião do analista.

"Espera-se que a Justiça Eleitoral seja coerente e aplique a lei, sob pena de clara afronta aos princípios constitucionais da impessoalidade, legalidade e moralidade", conclui.

Evento foi organizado com recursos públicos e incentivos fiscais

O evento de 1º de maio em que Lula pediu votos para Boulos foi custeado com R\$ 250 mil captados via Lei Rouanet, além de contar com o apoio da Petrobras. Ao cadastrar o projeto na Lei, a produtora Veredas Gestão Cultural, com sede no Rio de Janeiro, foi autorizada a captar até R\$ 6,3 milhões, mas somente conseguiu recursos da faculdade privada de medicina São Leopoldo Mandic, de Campinas (SP) - a lei garante que a entidade de ensino financie o evento e, no ano seguinte, abata o valor investido de seus impostos.

Chamado Festival Cultura e Direitos, o evento realizado em comemoração ao dia 1º de Maio foi apresentado pelo ator Sérgio Loroza e MC

Pamelloza e contou com shows dos rappers Dexter, Afro X e Roger Deff, além dos pagodeiros Ivo Meirelles, Arlindinho e Almirzinho.

MDB entra com ações para investigar ato de 1º de maio

O diretório municipal do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) de São Paulo, partido do atual prefeito e pré-candidato à reeleição na capital, Ricardo Nunes, em nota, afirmou que já está tomando as providências cabíveis para que Lula e Boulos sejam multados por propaganda eleitoral antecipada.

O advogado Diretório Municipal do MDB de São Paulo, Ricardo Vita Porto, também solicitará, paralelamente, que o Ministério Público (MP)

abra inquérito para apurar a origem dos valores gastos para organização do evento, incluindo os públicos, além do uso da estrutura sindical com o objetivo de se promover candidatura.

Caso haja comprovação de abuso do poder econômico e de autoridade, o partido ainda poderá ajuizar uma investigação judicial eleitoral, podendo resultar na decretação de inelegibilidade de Lula e na cassação da candidatura de Boulos, pois se entende que foi um beneficiário consentido da conduta vedada ao presidente.

A pré-candidata à prefeitura paulista do partido Novo, Marina Helena, afirmou em suas redes sociais que está entrando com uma ação na Justiça Eleitoral contra a pré-campanha de Guilherme Boulos por evidente propaganda

antecipada. Ela ainda afirma que irá denunciar Lula ao Ministério Público por abuso de poder político, pelo presidente ter utilizado a máquina pública para praticar ato ilegal - o pedido explícito de voto antes do início da campanha.

Marina Helena ainda lembra que o ex-presidente Jair Bolsonaro foi declarado inelegível pelo TSE por uma acusação parecida..

O Partido Novo afirmou ainda que acionou o Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo teve uma liminar concedida segundo a qual Lula deve ser intimado a retirar o vídeo do ato de seu canal oficial no YouTube.



[Voltar ao índice](#)



Apesar da herança “maldita”, Milei tem feito grandes avanços na correção do desequilíbrio macroeconômico do país. | Foto: Juan Ignacio Roncoroni/EFE

Balanço econômico

Como Milei está recuperando a Argentina

Por Maria Laura Assis, especial para a Gazeta do Povo

Inflação caindo, revalorização da moeda, bolsa de valores em alta e o primeiro superávit fiscal

trimestral em décadas marcam o novo cenário argentino sob a liderança de Javier Milei.

O liberal-libertário tem feito grandes avanços na correção do desequilíbrio macroeconômico da Argentina – apesar de herdar um país onde o dólar blue (moeda não oficial vendido nas casas de câmbio) aumentou mais de 1.300% nos últimos quatro anos, a inflação alcançou 25,5% no último mês do governo anterior e o déficit fiscal foi de -2,9% do PIB em 2023.

Para conter os estragos deixados pela gestão do antecessor, Milei iniciou seu mandato “passando a motosserra”, como gosta de dizer, na estrutura estatal.

Dispensou milhares de funcionários públicos que considerava desnecessários para o bom

funcionamento do Estado e extinguiu ministérios, secretarias e agências criadas durante o governo kirchnerista.

Outro ponto crucial de seu êxito nestes primeiros quatro meses de governo foi a assinatura do Decreto de Necessidade e Urgência (DNU), que inclui mais de 300 medidas para desregulamentar a economia.

O presidente também apresentou a Lei de Bases e Pontos de Partida para a Liberdade dos Argentinos (conhecida como “Lei Ônibus”) – que busca diminuir o peso do Estado e fomentar a iniciativa privada.

Os especialistas no mercado financeiro acreditam que a Argentina vive um período de grande otimismo. No primeiro dia de negociações da Bolsa de Valores após a vitória de Milei, o índice Merval (principal referência para as ações de empresas do país) abriu com alta histórica de 21,23%.

No primeiro trimestre de 2024, o Merval registrou alta de 84,41% em relação ao ano anterior. Segundo Igor Lucena, economista, doutor em Relações Internacionais e CEO da consultoria Amero, os dados positivos estão diretamente relacionados com a confiança que está sendo reconstruída gradualmente pelo atual governo a partir de seus bons resultados.

“Estamos vendo, pela primeira vez nos últimos 50 anos, a Argentina criar superávits sociais, cortar diversos subsídios e derrubar a inflação mês a mês. Em dezembro, foi de 25%. No mês passado, 11%, diz Lucena.

Segundo ele, isso mostra que a política radical, mais ortodoxa, de Javier Milei vem funcionando.

“As pessoas estão apostando que nos próximos 18, 20, ou até 24 meses, verão o país com a inflação controlada. Se isso acontecer, você vai ter ganhos reais de rendimentos das empresas e uma economia mais normal”, afirma.

O Brasil não teve o mesmo desempenho do vizinho. Apesar de o último fechamento ter permitido um pequeno alívio ao mercado, com

uma variação positiva de 1,51%, na metade do mês a bolsa brasileira teve uma sequência de seis pregões negativos (sendo o último de -0,18%) – algo que não era registrado desde o incrível recorde de 13 sessões seguidas em baixa, ocorrido entre 1º e 17 de agosto de 2023.

Diferentemente da bolsa argentina, o Ibovespa (principal índice brasileiro) fechou o primeiro trimestre do ano com queda de 4,53%, o pior desempenho no 1º trimestre de 2024 entre os principais mercados globais.

Lucena destaca a questão fiscal como ponto chave para analisar a queda da bolsa brasileira. De acordo com ele, a redução significativa do investimento estrangeiro direto no Brasil nos últimos meses contribuiu para o aumento do risco fiscal.

O economista destaca o fato de que o país aprovou o arcabouço fiscal, porém não cumpriu a meta para 2024 e a adiou para 2025. “Isso se traduz numa tendência explosiva de gastos públicos.”

Ele ainda prevê que, se mantiver esse ritmo, a dívida pública brasileira pode atingir 90% do PIB nos próximos seis ou sete anos, e possivelmente chegar a 100% em uma década.

Milei anunciou o primeiro superávit fiscal trimestral do país desde 2008

Em uma mensagem divulgada à população no último dia 22, Javier Milei – acompanhado do ministro da Economia, Luis Caputo, e do presidente do Banco Central, Santiago Bausilli, entre outros membros de sua equipe econômica

– anunciou um superávit fiscal no primeiro trimestre de seu governo.

“Durante o mês de março, o setor público nacional registrou um superávit financeiro de mais de 275 bilhões de pesos (US\$ 308 milhões de dólares). Isso significa que o país conseguiu, depois de quase 20 anos, um superávit financeiro de 0,2% do PIB durante o primeiro trimestre do ano”, disse o presidente.

Segundo Milei, “Este é um marco que deve deixar todos nós orgulhosos como país, em particular, dada a herança que herdamos. (...) O excedente fiscal, que parece simplesmente uma definição técnica, que aparentemente não faz diferença na vida dos argentinos, não é, nem mais e nem menos, do que o único ponto de

partida para terminar de uma vez com o inferno inflacionário que vive a Argentina”.

Em janeiro, as contas públicas argentinas registraram, pela primeira vez em quase 12 anos, um saldo positivo de cerca de US\$ 589 milhões. No mês seguinte, o superávit foi de US\$ 1,45 bilhão.

As cifras também contemplam o pagamento de juros da dívida pública. Com o resultado de março, esta é a primeira vez desde 2008 que o país registra três meses consecutivos de superávit financeiro.

Enquanto isso, no Brasil, o setor público consolidado (formado por União, estados, municípios e estatais) registrou déficit primário de R\$ 48,7 bilhões em fevereiro, o maior saldo

negativo para o mês da série histórica, iniciada em 2002.

O governo central teve um rombo de R\$ 57,8 bilhões nas contas do mês. Já os estados e municípios tiveram superávit de R\$ 8,6 bilhões.

Segundo projeções do FMI, o Brasil deve registrar déficit primário maior que o esperado neste ano e aumento da dívida pública bruta na comparação com o ano passado (86,7% do PIB em 2024, contra 84,7% em 2023). O dado é referente ao setor público não financeiro.

O déficit primário, por sua vez, deve chegar a 0,6% do PIB este ano.

Moeda argentina foi a que mais se valorizou no mundo em 2024

Um relatório recente da Bloomberg indicou que o peso argentino foi a moeda que mais se valorizou no mundo neste ano (25% em relação ao dólar norte-americano nos últimos três meses).

Este dado a coloca como a mais sólida no período, seguida pela lira turca (+7,75%) e o peso mexicano (+3,1%).

No final do ano passado, o peso argentino era considerado a segunda moeda mais desvalorizada, com uma queda de 77,89% em relação ao dólar.

Nos últimos quatro anos de governo kirchnerista, o dólar blue passou de \$ 69,50 (pesos argentinos) para \$ 990, o que implica um aumento de 1.324%.

Já nos primeiros meses com Javier Milei, o dólar chegou a beirar os \$ 1.250, mas logo baixou para \$ 1.000, onde se manteve estável com leves variações.

A eleição de Milei trouxe tanta confiança à população que os argentinos decidiram tirar os dólares debaixo dos colchões. E depositaram mais de US\$ 2,3 bilhões em contas bancárias locais, elevando o total para cerca de US\$ 16,4 bilhões.

Isso representa um salto de 17% em pouco menos de três meses, além de uma recuperação

completa das perdas do ano passado, segundo dados do Banco Central. Se essa tendência continuar, haverá reservas cambiais necessárias para estabilizar o peso.

O fantasma do dólar agora assombra o Brasil, que em 2024 já registrou alta de 8,7%, diante dos R\$ 4,85 no final de 2023.

Na metade de abril, a moeda norte-americana fechou acima de R\$ 5,26, o maior patamar em mais de um ano – e as expectativas para o futuro do cenário nacional não são as mais otimistas.

Inflação ainda é uma das maiores do planeta, mas está caindo

A Argentina continua em primeiro lugar no ranking do G20 sobre a inflação acumulada de janeiro a março de 2024, com uma taxa de 51,6%. É seguida pela Turquia (15,1%), Rússia (2%), África do Sul (1,7%) e Brasil (1,4%).

O dado é assustador, mas o governo de Javier Milei já conseguiu uma redução de 14,5% apenas nos primeiros três meses do ano.

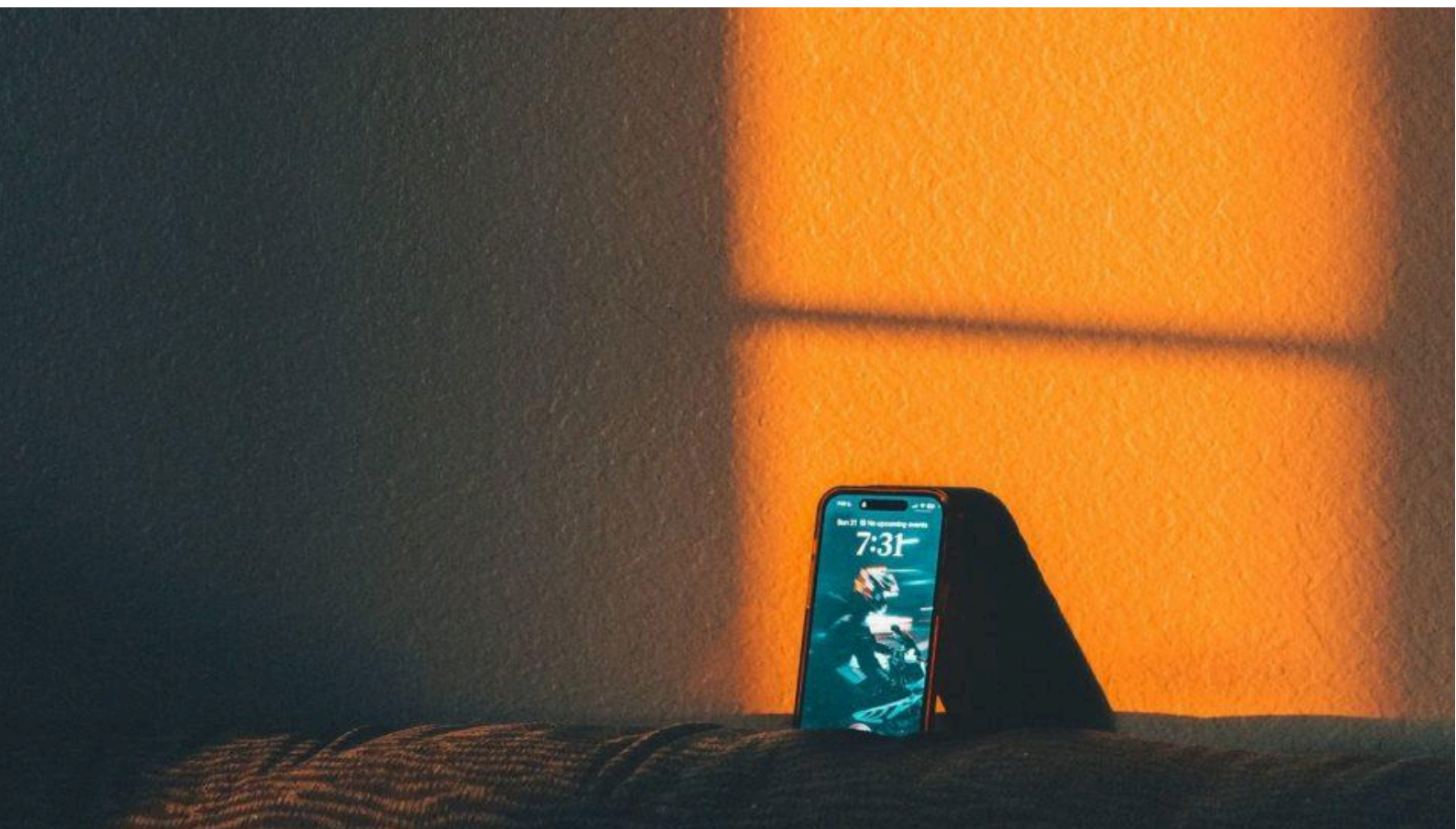
Em dezembro de 2023, Alberto Fernández deixou a presidência com uma inflação mensal de 25,5% e anual de 211,4% (o valor mais elevado desde 1991, que foi de 2.314%).

No entanto, com o seu novo programa de reestruturação estatal e desregulamentação da economia, Milei conseguiu reduzir o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) para 20,6% em janeiro, 13,2% em fevereiro e 11,0% em março.

A expectativa, agora, é de uma redução ainda maior até junho. Como prometeu, há algumas semanas, o ministro da Economia, Luis Caputo: “No primeiro semestre do ano, a inflação será de um dígito”.



[Voltar ao índice](#)



*Os celulares, ao interferirem no processo de comunicação entre pais e filhos, podem diminuir as oportunidades de conversa e diversidade de vocabulário|
Foto: Pixabay*

Artigo

Sugestão: guarde o celular e fale com seu filho

Aceprensa

Se a TV foi chamada de "caixa burra" por sua capacidade de cativar quem se sentasse diante

dela e retirá-lo do mundo real por horas, é justo dizer que também se prestava a facilitar o diálogo, o compartilhamento. Quando um pai se sentava no sofá com seu filho para assistir a algum programa, era natural que respondesse a cada "por que isso acontece?" dirigido pelo filho.

Com o celular não é assim. Ou é menos, deveríamos dizer, porque o pai tem seu telefone, e para que a criança fique quieta, é dado a ela outro, ou um tablet ou algum outro tipo de tela com efeitos "quase congelantes". Cada um na sua, entretidos, sem troca verbal. Sem novas palavras para pronunciar para que a criança as descubra, conheça seu significado e se aventure a usá-las.

Segundo explica a psicóloga Erika Komisar em um artigo para o Institute of Family Studies [Instituto de Estudos Familiares], seria incorreto dizer que toda tecnologia prejudica inevitavelmente as habilidades comunicativas da criança: "Quando os pais assistem a filmes ou televisão educativa com seus filhos e interagem com eles, as crianças podem aprender a processar e discutir o que estão experimentando".

Seria diferente, diz ela, usar a tecnologia como babá. Isso "limita essas oportunidades de interação. Tecnologia com moderação, como em viagens longas de carro ou em transporte público, pode não ser prejudicial, mas o uso excessivo leva ao isolamento social e dificulta o desenvolvimento de habilidades".

Então, se a criança articula mal as consoantes, ou não domina o número médio de termos esperados para sua idade, ou mostra dificuldade para conectar partes do discurso, os pais encontrarão tempo para falar com o psicólogo ou o fonoaudiólogo, quando o ideal teria sido dedicar um pouco mais de tempo para falar, sim, mas com a criança.

Menos atenção mútua

As telas, ao interferirem no processo de comunicação entre pais e filhos, podem diminuir as oportunidades de conversa e diversidade de vocabulário.

É o que afirmam uma equipe de pesquisadores australianos em seu estudo "Tempo de Tela e

Conversa entre Pais e Filhos quando as Crianças Têm de 12 a 36 Meses", publicado recentemente no JAMA Pediatrics, revista da Associação Americana de Medicina. Os especialistas examinaram os dados obtidos ao acompanhar 220 famílias com filhos pequenos, entre janeiro de 2018 e 31 de dezembro de 2021.

A avaliação do nível de desenvolvimento lexical foi feita no final de cada semestre (quando as crianças completavam 12, 18, 24, 30 e 36 meses). Para isso, foi utilizado um software de reconhecimento de sons (chamado LENA) que delimitava o tipo de emissões audíveis no lar: se os sons eram palavras de pessoas presentes, palavras de um celular, de uma TV, simples ruídos, etc.

De acordo com o que pôde ser registrado dessa forma, o aumento das horas de exposição às telas estava inversamente relacionado ao tempo de conversação entre os pais e o bebê. O menor tempo de interação verbal entre eles foi observado aos 36 meses de idade: nessa fase, "um minuto adicional de tempo de tela foi relacionado a uma redução de 6,6 palavras dos adultos, quase cinco vocalizações a menos por parte da criança e uma situação conversacional a menos".

Os pesquisadores observaram que há uma perda mesmo se os pais se ativerem ao que a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera ainda aceitável, que seria, aos 36 meses, uma hora de tela por dia. Se a criança ficar à mercê delas apenas por esse período, deixaria de fazer 294 vocalizações e estaria perdendo 397

palavras de seus cuidadores adultos. Lógico: menos atenção mútua, menos vocabulário para quem precisa.

Como quando assistíamos à TV

Realmente importa se um adulto fala mais ou menos se, afinal, a TV e outros dispositivos eletrônicos também são fontes emissores de linguagem e estão ao alcance?

Sim, ainda importa. Outra pesquisa, desta vez de uma equipe multidisciplinar de várias universidades dos Estados Unidos e da Europa, intitulada "Entrada e Produção de Linguagem Cotidiana em 1001 Crianças de 6 Continentes", fornece dados sobre a quantidade de palavras emitidas por cerca de mil crianças de 12 países

durante 40.000 horas, para as quais o já mencionado programa de reconhecimento de sons (LENA) foi utilizado para monitoramento.

Aqui, os especialistas não se preocuparam com as telas, mas sim em observar a quantidade de vocabulário que os pais emitem na interação com seus filhos ao longo de um período um pouco mais longo (dos zero aos quatro anos de idade).

Cabe ressaltar que a amostra inclui crianças dos mais diversos contextos: de lares pobres e de alta renda, de mães sem educação e universitárias, de ambientes urbanos e rurais. Nenhuma dessas circunstâncias, no entanto, pesou mais do que o grau de interação das

crianças com seus pais para ajudá-las no desenvolvimento da linguagem.

"As crianças que ouviram mais conversas dos adultos produziram mais fala", aponta o texto. Ao contrário de conclusões anteriores, baseadas em métodos de amostragem mais limitados e em um conjunto diferente de indicadores linguísticos, o nível socioeconômico (relacionado à educação materna) não se associou significativamente às produções das crianças [balbucios, sílabas, palavras ou frases], nos primeiros quatro anos de vida, nem o gênero ou o multilinguismo.

Os pesquisadores não dizem, mas, dada a atual ubiquidade dos dispositivos tecnológicos (as telas em primeiro lugar), infere-se que grande

parte das situações conversacionais entre pais e filhos, em casa ou fora dela, terá ocorrido na proximidade dessas fontes emissoras de mensagens. Em conclusão, uma vez que vieram para ficar, é conveniente — como sugerem os autores do primeiro estudo — identificar formas pelas quais o tempo de tela poderia facilitar as interações. Por exemplo, dizem eles, "através da visualização conjunta interativa".



[Voltar ao índice](#)

PARA SE APROFUNDAR

- [Rodrigo Constantino: Tem que expulsar invasor de campus mesmo!](#)
- [Fim de anúncios eleitorais no Google reflete linha dura do TSE sobre propaganda eleitoral](#)
- [“America Great Again”: o que pode acontecer com o Brasil se Trump vencer a eleição](#)
- [Energia solar em casa: qual o tempo de retorno do investimento em cada estado](#)
- [Doadores de esquerda deram mais de US\\$ 3,3 milhões para atividades pró-Hamas desde 2016](#)
- [Túnel para resolver problema crônico da BR-101 é estimado em R\\$ 1 bi e tem impasse na construção](#)

COMO RECEBER

As edições da Gazeta do Povo Revista vão estar disponíveis para download em PDF pelos nossos assinantes todos os sábados pela manhã no site do jornal. Também é possível se inscrever, para ser lembrado de baixar o arquivo, pelo [Whatsapp](#) ou pelo [Telegram](#). Se preferir receber por e-mail, você pode se inscrever na [newsletter](#) exclusiva para receber o link de download.

EXPEDIENTE

A Gazeta do Povo Revista é uma seleção de conteúdos publicados ao longo da semana no nosso site. Curadoria e formatação: Carlos Coelho, Daliane Nogueira e Marcela Mendes. Apoio: Jessica Lopes da Silva dos Reis. Conceito visual: Claudio Cristiano Gonçalves Alves. Coordenação: Patrícia Künzel.

APLICATIVO

Caso seu acesso seja via aplicativo iOS, só é possível visualizar o pdf. Para fazer o download, recomendamos o uso do navegador de internet de seu celular.



Voltar ao índice